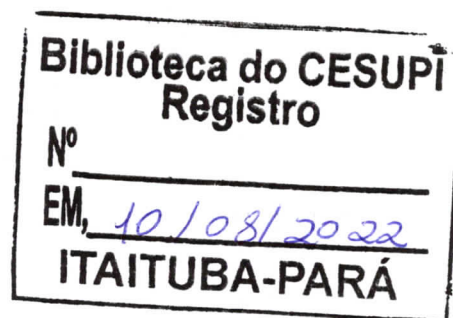




CENTRO DE ESTUDOS, SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS VERNÁCULAS

JOSÉ MILTON RIBEIRO FERREIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLINGUÍSTICA PARA A FORMAÇÃO DO
PROFISSIONAL DE LETRAS**



Itaituba- PA

2018

JOSÉ MILTON RIBEIRO FERREIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLINGÜÍSTICA PARA A FORMAÇÃO DO
PROFISSIONAL DE LETRAS**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Letras
Vernáculas da Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Especialista Railane Esmeralda Cruz
Figueira.

Itaituba- PA

2018

JOSÉ MILTON RIBEIRO FERREIRA

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLINGUÍSTICA PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE LETRAS

Monografia de Graduação apresentada para a obtenção do
título de Licenciada Plena em Letras Vernáculas pela
Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof^a. Esp. Railane Esmeralda Cruz Figueira.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof^a. Mara Aparecida do Nascimento Pereira, Especialista

Orientadora: _____ Nota: _____
Prof^a. Esp. Railane Esmeralda Cruz Figueira, Especialista

Avaliador(a): _____ Nota: _____
Prof^a Verônica Gomes Moreno, Especialista

Resultado: _____ Média: _____

Data: 27 de Janeiro de 2018

Ao meu pai Nilson Gonçalves Ferreira e minha
mãe Odete Ribeiro Ferreira (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço o berço familiar em que nasci, o qual me proporcionou ambiente e condições favoráveis, para que eu me tornasse forte e maduro o suficiente para buscar meus objetivos;

Não poderia deixar de agradecer; a Odete Ferreira Ribeiro pelo amor, o conhecimento, a vida e a gama de proteção e cuidados de mãe, a mulher que jaz em minha vida e esteve tão presente e que não pode comemorar a minha vitória;

Ao meu pai, que lutou incansavelmente e entregou seu amor, sua força e sua juventude, passando noites em claro enquanto eu dormia pra sonhar o meu futuro promissor e brilhante;

De modo geral, á todas as pessoas que se fizeram presentes em minha vida e que torceram e almejaram pelo meu sucesso;

A minha irmã, Lindaura Ribeiro Ferreira, que tanto me deu apoio, a todos os meus professores dos quais sinto-me discípulo.

A todos os meus colegas do curso de letras, e de modo muito especial a Ana Lucia Quirino Da Silva, pela intensidade que compartilhamos os momentos bons e também os difíceis tornando-se assim digna de afeto, atenção, respeito e carinho.

E que deixo aqui, o meu sincero e cordial obrigado.

“A psicolinguística está para a Língua Portuguesa
assim como o poema está para a poesia”.

Anna Cândido

RESUMO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso discute algumas questões ligadas ao ensino de Língua Portuguesa nas escolas, fazendo uma abordagem da importância das Teorias da Aquisição da Linguagem nesse processo até as recentes contribuições da Psicolinguística, para a formação do Profissional de Letras. Essa disciplina pode contribuir consideravelmente para o entendimento de como a linguagem se configura, e como esta estuda o papel que a língua materna exerce na formação de conceitos, analisa sua importância na evolução mental e determina de que maneira a criança adquire os problemas a ela relacionados. Com base nesses pressupostos teóricos, observa-se no decorrer deste trabalho a necessidade de se trazer para a sala de aula uma multiplicidade de textos escritos, tais como eles se apresentam na vida cotidiana, para que as crianças estejam expostas a essa multiplicidade, que aprendam desde o início o que é a escrita, para que se usa com quais características, formatos, estruturas, recursos, conteúdos e disposições gráficas. E são as crianças de classe popular, que mantêm pouco contato com esses objetos, as mais necessitadas de uma exposição constante e sistemática a diversos tipos de texto, exposição essa oferecida pela criação de um ambiente alfabetizador na sala de aula. Assim pensando, a presença do texto torna-se central para o ensino da língua e demanda um trabalho baseado na diversidade de "modelos". Essa postura nos é dada e fundamentada, principalmente, nos arcabouços teóricos que a psicolinguística oferece para o Ensino da Língua Portuguesa e, portanto, ao professor de Letras na sua atuação em sala de aula.

Palavras- chave: Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, Psicolinguística, Formação do Professor

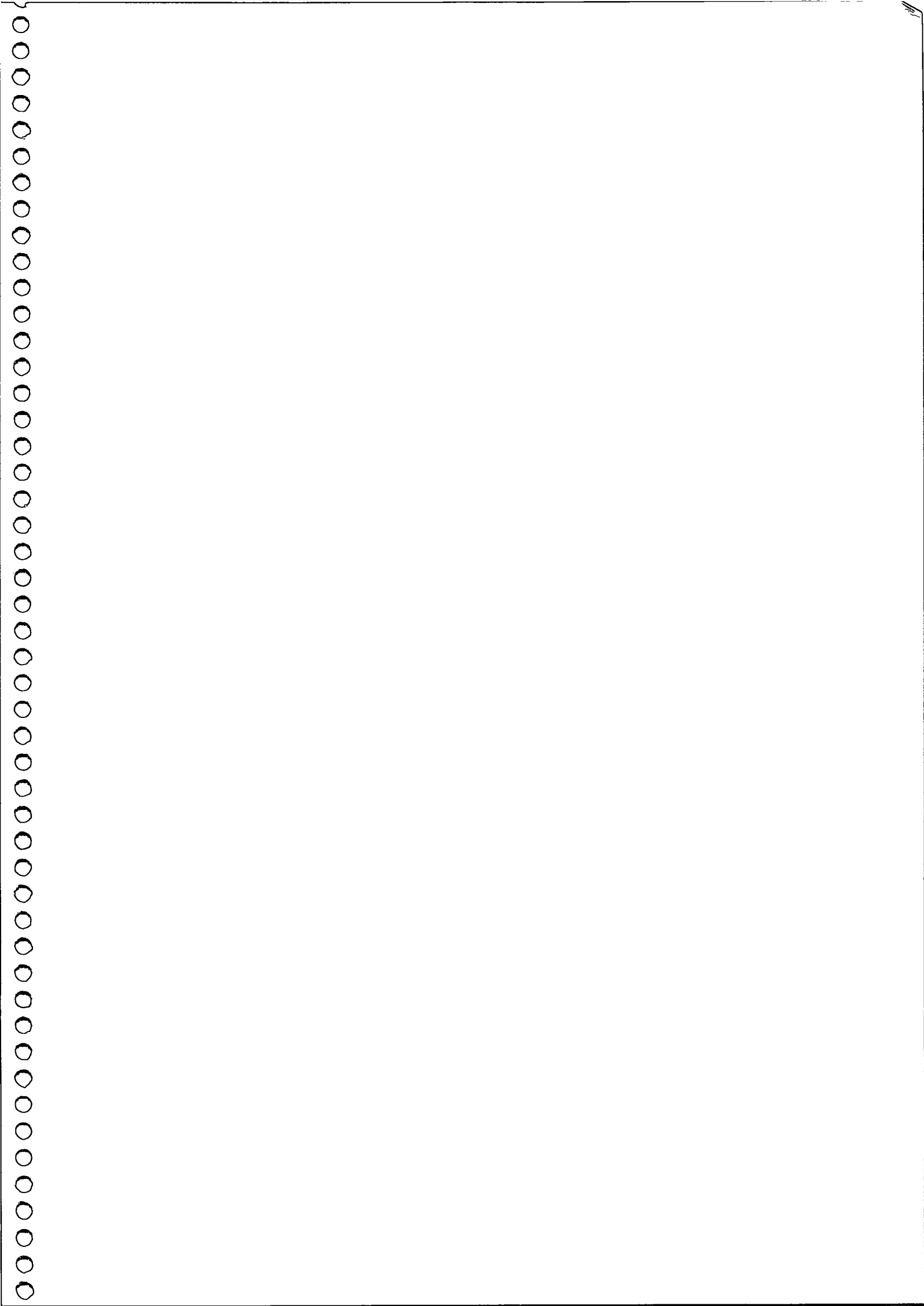
ABSTRACT

This Course Conclusion Paper discusses some issues related to the teaching of Portuguese Language in schools, addressing the importance of Language Acquisition Theories in this process to the recent contributions of Psycholinguistics to the formation of the Professional of Letters. This discipline can contribute considerably to the understanding of how language is configured, and how it studies the role of the mother tongue in the formation of concepts, analyzes its importance in mental evolution and determines how the child acquires related problems. Based on these theoretical assumptions, it is observed in the course of this work the need to bring to the classroom a multiplicity of written texts, such as they present themselves in everyday life, so that children are exposed to this multiplicity, learn from the beginning what is writing, what is used with what characteristics, formats, structures, resources, contents and graphic provisions. And it is the children of the popular class, who have little contact with these objects, the most in need of constant and systematic exposure to various types of text, which is offered by the creation of a literacy environment in the classroom. Thus thinking, the presence of the text becomes central to the teaching of the language and demands a work based on the diversity of "models". This position is given to us and based mainly on the theoretical frameworks that psycholinguistics offers for the Teaching of the Portuguese Language and, therefore, for the teacher of Letters in their work in the classroom.

Keywords: Portuguese Language Teaching Methodology, Psycholinguistics, Teacher Training

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 CONCEITO E ORIGEM DA PSICOLINGÜÍSTICA	13
2.2 DIFICULDADES DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	16
2.3 LÍNGUA PORTUGUESA E O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	20
2.4 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO	24
2.5 CIÊNCIAS QUE FAZEM INTERFACE COM A PSICOLINGÜÍSTICA	29
2.6 CONCEPÇÕES DE ENSINO	32
2.7 TEORIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	37
3 METODOLOGIA	41
3.1 TIPOS DE PESQUISA	41
3.2 COLETA DE DADOS	41
4. RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS	42
4.1 CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLINGÜÍSTICA PARA O ENSINO DO PORTUGUÊS	42
4.2 PATOLOGIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	46
5. CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	50



1. INTRODUÇÃO

É muito comum o questionamento em torno do processo de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, no que se referem às metodologias capazes de desenvolver as três habilidades basilares do Ensino do português que é a oralidade, leitura e escrita. Quando o professor de português passa pelo processo de formação educacional, observa-se a disciplina psicolinguística como uma das áreas que contribuem para o aperfeiçoamento das atividades do professor letrado em sala de aula. Nesse contexto, esse trabalho objetiva identificar e refletir sobre o papel da psicolinguística para o trabalho do professor de Língua Portuguesa e em que esta contribui para subsidiar esse profissional em sala de aula.

A psicolinguística fundamenta uma prática diferenciada e, portanto, refugia-se nas práticas tradicionais de exercícios mecânicos, cassando a voz dessas crianças e censurando tudo o que elas têm vontade de dizer e potencial para fazê-lo. Quando solicitadas a escrever fora da escola, as crianças normalmente reproduzem, depois do treino a que são submetidas, os moldes artificiais do chamado "texto escolar", sem se aventurarem por caminhos mais autênticos ou mais criativos, e a referida disciplina propõe mecanismos diferenciados que são avessos à essa prática tradicional e inócua.

Nessa perspectiva, a psicolinguística surge com o papel de explicar o processo da aquisição da linguagem oral e escrita, de forma a analisar, interpretar e explicar esse fenômeno não só pelo que é observável na fala, mas pelo mecanismo que subjaz a esse processo. Assim, a aquisição da linguagem é um estudo de interfaces, já que implica estudar uma teoria que explique o fenômeno da aquisição e, também, escolher um ângulo da linguagem para explanar, observar, descrever e, posteriormente, explicar, visto que é humanamente impossível estudar todos os aspectos da linguagem de uma só vez.

Dessa maneira, esse Trabalho de Conclusão de Curso considera a Psicolinguística como uma disciplina imprescindível para que todos os professores tenham noção básica do Ensino das habilidades de oralidade, leitura e escrita. Por meio de pesquisa bibliográfica, valeu-se das teorias de autores como Aguiar (2011), Barros (2012), Conrado (2010), Diego (2011), Flores (2012), Leitão (2012), entre outros.

Algumas questões são centrais em busca de resposta para essa pesquisa, como: Quais os postulados da área psicolinguística? Como os professores de Língua Portuguesa podem usufruir da psicolinguística para que tenham melhores resultados em sala de aula? Quais os mecanismos propostos pela psicolinguística para reconhecer um aluno que precisa de atenção especial de acordo com o processo de aquisição da linguagem?

Desse modo, no primeiro capítulo são feitas as questões introdutórias como justificativa, objetivo e questões norteadoras que direcionam o trabalho. No segundo capítulo, estão todos os pressupostos teóricos que fundamentam este trabalho. Inicialmente, abordou-se sobre os conceitos e origem da Psicolinguística, no segundo item da fundamentação enfatizaram-se questões sobre as dificuldades do Ensino da Língua Portuguesa. Posteriormente aprofunda-se sobre as Teorias da Aquisição da Linguagem e as implicações que estas trazem para o Ensino da Língua Portuguesa.

Por sua vez, no terceiro capítulo, são descritas as metodologias adotadas para a elaboração dessa monografia, sendo especificados os tipos de pesquisa e a coleta de dados. Na análise e resultados dos dados, estão elencadas as acepções acerca da contribuição da Psicolinguística para o Ensino da Língua Portuguesa, além de uma abordagem sobre o que é normal e patológico na linguagem e a importância que esses conhecimentos podem trazer para o Ensino.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITO E ORIGEM DA PSICOLINGUÍSTICA

Existem séries de estudos, teorias e disciplinas científicas, que se dedicam a estudar o uso da linguagem sobre variados pontos diagonais, das vezes, essas correntes se entrelaçam, se divergem ou se interrelacionam entre si. Em certas ocasiões, quando surge uma determinada tendência científica, há outras que a critica, enquanto que demais a reforçam, e dentro desse legado, surgiram várias ciências.

No caso da Psicolinguística, o próprio “nome”, demonstra algum tipo de variação, uma justaposição de termos entre a Psicologia e Linguística, e além dessa composição, infere-se previamente que as duas ciências estão, de alguma forma interrelacionadas entre si, no que condiz ao interesse ou objeto de estudo em comum.

O termo Psicolinguística surgiu antes mesmo de se tornar disciplina, “surgiu” pela primeira vez provavelmente em um artigo N. H. Proncho e sugere que se trata de um campo interdisciplinar para o qual colaboram a Psicologia e a Linguística” [...] Os estudos dessas duas disciplinas eram originalmente denominados Psicologia da Linguagem e abordavam uma questão central às duas: “o relacionamento entre o pensamento (o comportamento) e a linguagem e a linguagem”. (BALIEIRO JR, 2004, p. 172 Apud. DIAS, 2009, p.46)

Sabe-se que, como diria Aurélio B. H Ferreira em sua obra denominada de “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, que Psicologia é “A ciência dos fenômenos psíquicos e de comportamento”, enquanto que segundo o autor, a Linguística, consiste em “A ciência da linguagem. O estudo da linguagem, da gramática das diferentes línguas, de sua história, bem como da aplicação dos resultados obtidos”.

Nesse ponto de vista, fica evidente que, a Psicologia e a Linguística, tem algo em comum, do ponto de vista do uso da linguagem, inclusive é o ponto crucial ao desdobramento destas ciências, sendo que a primeira trata dos assuntos psíquicos, enquanto que a segunda, aborda a questão da linguagem.

Assim, infere-se que a Psicolinguística, trata do estudo referente à questão linguística e psíquica-comportamental, frente aos indivíduos que se comunicam numa dada ocasião sociocomunicativa, por meio do uso da linguagem, isto quer

dizer que, o objetivo principal consiste em estudar, como as pessoas conseguem criar o código e entender esse código linguístico simultaneamente.

Como ciências recentes, alguns estudiosos consideram apenas como disciplinar científica interdisciplinar, uma vez que, como dito, sua base está fundamentada não só nos valores da ciência linguística, sendo que para formular seus pressupostos e escopos teóricos, recorreu às várias outras perspectivas científicas, a saber, a própria Linguística, a Psicologia, e dentre demais estudos que são relativos à sua concepção.

De acordo com Dias (2009, p. 46), o a emancipação desta disciplina científica, aconteceu devido às realizações de vários seminários, nos quais os assuntos eram voltados aos estudados da linguagem segundo o ponto de vista psicológico, por isso, foi mister a participação de psicólogos e linguistas, e pelo que se deduz, isso aconteceu por volta da década de 50, o período que surgiu várias novas ciências.

Em 1951, aconteceu o "Seminário de Verão de Pesquisa em Ciência Social" na Universidade de Cornell, onde segundo Kess (1992) inaugurou-se o período formativo e juntamente com o Seminário o "Comitê sobre Linguística e Psicologia" ministrado por psicólogo C. Osgood. Em 1953 realizou-se um segundo Seminário de Verão na Universidade Indiana, sob a direção de Osgood e do Antropolinguista T. A. Sebeok, que organizaram e publicaram os anais do Seminário, com o título *Psycholinguistic: a survey of theory and research problems* (Osgood & Sebeok, 1954).

Ainda nesse período da década de cinquenta, mencionamos o surgimento da epistemologia genética de J. Piaget, que deu origem a uma das escolas que mais deu certo em Psicolinguística, a escola de Genebra; e a obra de L. Vygotsky, autor soviético, conhecido por seus investigações sobre as relações entre pensamento e linguagem. A partir de então, estava "fundada" a Psicolinguística. (DIAS, 2009, p. 46)

Por esses detalhes, os quais explicitam o seu fundamento, acredita-se que a Psicolinguística, além de ser similar a Psicologia e a Linguística, ela também, em certa medida está relacionada aos valores da Sociologia e a Antropologia, sendo que, como visto acima, teve durante a sua fundação, vários estudiosos e de diferentes áreas de conhecimento, como: psicólogos, linguísticas, antropolinguistas, sociólogos, sociolinguistas, e etc.

Segundo Leitão (2008), a Psicolinguística, neste momento da fundação tinha o enfoque muito forte com os valores de behaviorismo, o qual acreditava que, para o ser humano usufruir dos mecanismos da linguagem precisara ser estimulados, como relata:

Quando a Psicolinguística nasceu, teve suas raízes na tradição behaviorista, muito aceita e difundida na época. Acreditava-se em uma teoria do aprendizado que tinha como base associações a determinados comportamentos linguísticos gerados em resposta a estímulos externos ao indivíduo que seriam fixados pela repetição. Acreditava-se que pela relação estímulo-resposta seria possível explicar a estrutura da linguagem, bem como se acreditava que essa linguagem seria adquirida e utilizada por seus falantes. (LEITÃO, 2008, p. 2)

Segundo o mesmo autor, (Ibidem), na década de 60, a Psicolinguística, foi deixando os princípios de behaviorismo, deixando a ser dominado pelo gerativismo, o que na ocasião veio confrontar a teoria behaviorista. Para gerativismo, a linguagem humana não pode ser caracterizada como um sistema de hábitos e repetições, sendo que, um dos princípios que a norteiam a, distinguindo-a da linguagem animal, é o da criatividade, isto quer dizer que, produzem-se frases que nunca se ouve ou se lê antes.

Já na atualidade, a Psicolinguística, é conhecida como variante da ciência Linguística, Oliveira (2015), uma vez que, caracteriza-se por ciência empírica, sendo que objetiva investigar, de que maneira as crianças adquirem uma língua natural, e como os adultos produzem e compreendem palavras, frases e discursos em tempo real da comunicação do dia a dia, inclusive, como dito, é uma das áreas científicas mais recente.

Dentre outros conceitos mais precisos, pode-se encontrar nos postulados de Wouk (1975), que afirma:

- a) Psicolinguística – que se preocupa com os problemas relativos a:
 - a) Percepção de sons peculiares à língua falada;
 - b) Aspectos neurofisiológico da linguagem, de modo especial do processo de irritação nas áreas corticais anterior (broca) e posterior (wernecke), os principais centros da linguagem, e cujo papel ainda não se conhece exatamente;
 - c) Mecanismo motores da linguagem;
 - d) Mecanismo da linguagem ideacional e as relações entre linguagem e pensamento.

A Psicolinguística estuda também o papel que a língua materna exerce na formação de conceitos, analisa sua importância na evolução mental e determina de que maneira a criança adquire os problemas e ela relacionados. (WOUK, 1975, p. 125)

Em síntese, a Psicolinguística estuda os processos mentais, a faculdade de adquirir a linguagem por meio de mecanismos mentais, a reação dos envolvidos em relação à compreensão, tanto durante ao processo de idealização de código linguístico, quando durante a recepção de desse código pelo receptor, nesta

perspectiva, a linguagem é compreendida como fenômeno relativo ao pensamento, mente e comportamento.

2.2 DIFICULDADES DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Discorrer sobre este tema, tem sido desde a evolução da escola no Brasil, um problema social, um fenômeno que se alastra desde que começou o ensino da Língua Portuguesa nas escolas Brasileiras. Nos primeiros momentos, porque o ensino do português não foi pensado para o povo majoritário, mas apenas como instrumento de dominação social, em que o mais forte domina o mais fraco.

Porém, com passar do tempo, depois de sucessivas mudanças nas legislações educacionais, algumas alterações vieram à tona, das vezes, compatível com o que o cidadão comum necessitava, uma vez que, desde o tempo para cá, dominar a língua Portuguesa, se tornou uma questão de sobrevivência, sendo que agora é similar aos fatores econômicos que requer este conhecimento.

Qualquer pessoa tem direito de saber, saber escolar, por fim saber do domínio da língua portuguesa, porque sem a qual ela fica impossibilitada de acessar outros meios de conhecimentos que são também primordiais. O grande problema, é que como garantir a ter acesso a este direito, já que pelo menos, no tempo moderno, existe uma série de leis e diretrizes que asseguram que o cidadão qualquer possa ter conhecimento.

E não é a toa que muitos estudiosos levantam estudos e mais estudos, com intenção de sanar essas problemáticas, considerando que na atualidade, a dificuldade de aprendizagem do português é o tema de caráter emergencial, ao contrário do que poderia ser, uma vez que, isso acontece em pleno século XXI, na era tecnológica.

Por este motivo tem sido a maior preocupação entre os órgãos competentes, estudiosos, professores, e até mesmo pelas famílias, haja visto que, sem conhecimento da sua própria língua para acessar outros saberes, é muito infortúnio ter que aturar, inclusive, essa é a ideia em que muitos defendem, principalmente, quando se fala, a escola, em geral, no Brasil passa por uma situação parecida, dificuldades em aprendizagem pelos alunos em ensino de Língua Portuguesa.

Agora, apontar em que parte se concentra essas problemáticas, que é o assunto comprometedor, porque pelo que se entende através de apontamento de

estudiosos, indica que em todos sentidos, uma vez que, a educação não é feita somente pelos alunos e professores.

Dentro do campo educacional, está envolvida a política nacional (partidária), o Estado, a família, conforme promulgou LDB/1996, a estrutura predial da escola formada pelos gestores, enfim, envolve toda a comunidade escolar. Desse modo, para muitos críticos, cada unidade supracitada, apresenta algum tipo de culpa que representa para aprendizagem dos alunos, como problema.

Por isso, de forma sintética, na atualidade, essas dificuldades estão praticamente relativos aos problemas sociais igual a de qualquer outro, sendo que não envolve somente os alunos e professores diretamente, mas toda a população que de certa forma depende da educação, sobretudo, ensino de Língua Portuguesa.

A priori, Barros (2008), expõe uma colocação muito importante a ser refletida, a qual a mesma alega que o problema de ensino de língua materna, tem a ver com a história de sua fundação, como se sabe, a Língua Portuguesa atual, é baseada e arraigada em várias outras disciplinas medievais, a saber como Retórica, Gramática, Poética, as quais pouco lhes interessam o domínio da linguagem de forma dinâmica, mas antes impõe as regras, assim criando uma ideologia de que o ensino de português é difícil.

Nesse caminho, o ensino de língua ainda está muito distante de ser considerado o ideal para a construção de cidadãos que opinam, concordam, discordam, argumentam, enfim. E, na medida em que o ensino de língua também diz respeito à visão sociopolítica do professor, percebe-se uma reiteração dos padrões conservadores das elites sociais, priorizando-se as normas eleitas por elas. (BARROS, 2008, p. 44)

No desenrolar do ensino do português segundo a gramática normativa, a situação se agravou cada vez mais, porque como dito, o ensino do português quando foi fundado, não foi para muitos, e mesmo para poucos, para a elite, se desprendia muito às questões de análises linguísticas dos poetas, autodidatas, que na razão, não tinha significado algum, quando se trata de tornar o educando competente ao uso da linguagem.

Nesse sentido, Soares (2011), também reitera o mesmo sentido, criando uma sensação de que o início da toda dificuldade de aprender o português, tem sido marcado pela trajetória histórica, isso faz com que todos estudantes, Soares (2011), acham que o ensino de português é a razão para dizer “sou péssimo em português”.

Retórica, Poética, Gramática estas eram, pois, as disciplinas nas quais se fazia o ensino da língua portuguesa até o fim do Império. Em meados do século XIX o conteúdo gramatical ganha a denominação de Português, e em 1871 foi criado no país, por decreto imperial, o cargo de Professor de Português.

Entretanto a mudança de denominação não significou mudança no objeto e no objetivo dos estudos da língua, a disciplina Português manteve, até os anos 40 do século XX a tradição da gramática, da retórica e da poética. (SOARES, 2011, p. 2)

Mas diante de todo exposto, vale enfatizar que, não são só essas questões aqui levantadas são razões para dizer que o ensino de português é problemático, ora porque não ensina alunos, ora porque é difícil. Mas, se for averiguar mais detalhadamente, pode-se notar que existem vários outros fatores relativos, ou ligados a essa disciplina.

No caso de fator interno a esta disciplina, Barros (2008), aponta os próprios professores como fator determinante, uma vez que, há uma série de razões que esse profissional não faça da maneira eficiente o seu trabalho. Isto quer dizer, segundo esta visão, se o educador não tem motivação dos políticos competentes, então ele não tem comprometimento, não porque ele doar, para dar o melhor de si para ensinar os alunos.

Desde a época anterior, o docente foi rebaixado, no que tange seu salário pela profissão que exerce, assim, o mesmo buscou em se apoiar em apenas metodologias automatizadas, através de livros didáticos e nos manuais de ensino, dessa forma, dando continuidade de ensino baseada em "mesmice", Barros (2008, p. 41), passar o conteúdo; aplicar atividade sobre estes conteúdos, e; corrigir exercícios correspondentes aos assuntos abordados, das vezes, apontando erros.

Isso tem sido para críticos da educação, um erro contra o ideal do ensino de português, porque, a postura do sistema metodológico neste paradigma, não proporciona ao aluno um conhecimento eficiente do uso da linguagem, sendo que não propicia um tipo de alternativa, capaz de usar a língua de forma dinâmica, lúdica ou significativa.

É importante frisar sobre o ensino alternativo, porque segundo Sena et. Al (2014), o ser humano desde o seu nascimento aprende sob variadas formas, não só em ambiente escolar ele busca aprendizagem, sendo que naturalmente isso acontece, aliás, a dependência pela busca de "aprender" algo é fator primordial a sua sobrevivência e sua contribuição enquanto sujeito social, por isso, segundo autores, é importante que seja propiciado às crianças e aos adultos, um tipo de

método formal ou informal, para que seja efetivada a aprendizagem, isso significa que, se aprende na escola e no convívio social.

No entanto, para contexto escolar, os autores relatam que o problema tem sido preocupante, sendo que se agrava em todos os níveis escolares, assim como em todo o Brasil, conforme abaixo:

E se tratando do contexto escolar/intelectual, a situação vista no Brasil, atualmente, é a de uma grande quantidade de alunos que já ultrapassaram os anos iniciais da educação, mas não conseguem nem ao menos ler e escrever de acordo com a série que cursa. É claro que se o aluno não sabe ler e/ou escrever, ele também não sabe os demais conteúdos. E o mais preocupante é que esse problema, muitas vezes, não fica apenas restrito ao Ensino Fundamental, mas abarca também o Médio, e alguns alunos chegam ao Ensino Médio lendo e/ou escrevendo como um aluno que cursa os anos iniciais, e não é só na leitura e na escrita, mas se portam desta maneira também nos demais conteúdos. (SENA et. Al, 2014, p. 86)

Essas consequências, são como exemplos do mau funcionamento do ensino de português, de fato, se a dificuldade de ter conhecimento o ensino de língua materna, é comum que vai ter dificuldades em diversas outras áreas subsequentes, assim, como é prejudicial ao seguimento escolar, pois, existem críticos apontam que, até no ensino superior, existem acadêmicos que não dominam os conhecimentos básicos, incluindo a domínio da escrita e da leitura.

Quando bem diagnosticado, poderia-se encontrar várias outras razões o porquê é difícil ensinar crianças a adquirir a aprendizagem, principalmente no ensino de português. Pelo da maneira, não muito comprometedor, poderia por fim, a falta de valorização dos profissionais da área.

É possível afirmar essa tese, uma vez que, é comum no Brasil existir a falta de política voltada aos professores de Língua Portuguesa, parece que a figura do professor neste termo, não tem importância sequer, assim, todo o desdobramento de seu ofício não logra o resultado que se deseja, ou seja, seu trabalho de professor não é suficiente para ensinar as crianças sobre a Língua Portuguesa.

Sem valorização, não tem porque existir profissionais de qualidade, educadores que se dispõe com prazer, professores que buscam, inovam, pesquisam, diagnosticam, e tem compromisso, enquanto não houver, sempre seguirão o que Barros (2008) aponta, eles há de se apoiar em metodologias de ensino automatizada, daquelas dependentes de livros didáticos, o que significa que é danosa aos alunos.

No campo da leitura e interpretação, o ensino tradicional tem prejudicado categoricamente e efetivamente o real aprendizado do aluno, e pode-se ousar ainda a afirmar que o sistema de ensino de leitura e teoria da Língua Portuguesa adotado atualmente, de maneira geral, tem prestado um verdadeiro desserviço à educação das crianças, adolescentes e jovens que precisam ultrapassar as etapas para atingir à graduação. (AGUIAR, 2011, p. 4)

É claro que, mesmo diante deste postulado, é bom enfatizar que, o modo de aprendizagem não acontece de forma homogênea nos alunos, cada estudante apresenta algum tipo de peculiaridade e problemas relativos à aprendizagem, e dentro desse mesmo contexto, há também outros problemas patológicos, que por sua vez, de alguma maneira dificulta a apreensão de conhecimentos.

O conhecimento técnico/gramatical, ou melhor, o conhecimento das nomenclaturas dos fenômenos linguísticos, cobrado desde as séries iniciais, leva o aluno a se perder entre o sujeito, predicado, orações coordenadas, subordinadas, artigos etc; sendo que tais conceitos são estudados e exercitados baseados nessa gramática. (FRAGA; CARIS & RESENDE, 2007, p. 3)

Por estas e outras razões, é importante que a escola como instituição que se dedica em prol dos alunos, buscar meios estratégicos que pudessem resolver dificuldades de aprendizagem, em especial, de Língua Portuguesa, verificando de perto a atuação dos professores, suas metodologias, e dentre outros fatores que são essenciais para efetivação de aprendizagem.

2.3 LÍNGUA PORTUGUESA E O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Antes de abordar em breve comentário, vale enfatizar que no mundo atual, existem vários países que também falam a Língua Portuguesa, a saber, dentre eles alguns países africanos, asiáticos, Cuba, além de Portugal, Barros (2008), do qual se originou o Português brasileiro.

Diante desses fatos curiosos, é bom lembrar que cada país ao evoluir a sua "Língua Portuguesa" não teve a mesma história, o que distingue em relação às demais, Português brasileiro, por exemplo, se diferencia totalmente de sua mãe, "Língua" de Portugal, pelas razões que tem as mesmas estruturas sintáticas, fonológicas, morfológicas, semânticas, etc.

E essas distinções, embora fazerem parte da mesma "árvore genealógica linguística", faz com que cada país tenha sua língua "Portuguesa" diferente das do outro país, isso em sentidos que anteriormente foi supracitados, tais como no aspecto sintático, fonológico, etc, "Assim, essas línguas (o PB e o PE) produzem discursos distintos, significam diferentemente, filiam-se, portanto, a discursividades distintas", (BARROS, 2008, p. 39)

Porém, quando se tem noção sobre o funcionamento sistemático de sua língua a qual se comunica, se interage e fala, dificilmente o falante desta língua se confundirá, uma vez que, seu aprendizado não está absolutamente relacionado aos métodos artificiais, o que significa que, para aprender a língua exatamente como ela funciona, não depende de ensino projetado, sendo o ser humano naturalmente e espontaneamente aprende a língua pertencente a que país está inserido.

Inclusive, esse tipo de aprendizagem, é um dos assuntos mais pesquisados frente as teorias de aprendizagem, haja visto que, para muitos estudiosos, e principalmente dos séculos passados, para cada processo de aprendizagem existe um tipo de mecanismo que acontece naturalmente, aliás, não depende necessariamente da intervenção dos pais ou qualquer que seja, a criança aprende pela força da própria natureza linguística.

A aquisição da linguagem está vinculada ao simbólico em que a criança ao assimilar e acomodar o conhecimento, passam por quatro estágio sensório-motor, pré-operatório operatório-concreto e operatório-formal, de forma que apreende o objeto desenvolvendo a inteligência que passa de um fator linguístico para a representação sistematizada, assim a criança desenvolve inicialmente a inteligência, através do manuseio com o objeto e a interação com o meio social, para depois aprender a linguagem. (SOUZA, 2015, p. 3)

Para o sentido abrangente, a aprendizagem de uma língua materna requer socialização da criança no convívio social, na interação entre outras crianças, adultos e outros falantes, o que fazem com que estabelece na criança a habilidade de reconhecer e decifrar de forma parcial, as palavras, os discursos, as sentenças enfim.

Esse tipo de processo de aprendizagem, é válido para qualquer criança, independentemente de raça, etnia, desde que tenha a língua em que está relacionada. É interessante, frisar que, a criança pode aprender mais de uma língua, à medida que esta estiver socializada por aquela ou esta comunidade linguística.

Este tipo de relação intrínseca com a sociedade linguística, em que troca interação, diálogo, discurso e experiência da fala, o teórico definem como *input*, que poderia ser entendida como “entrada” de experiência linguística exterior ao acervo do conhecimento de uma criança, no qual é armazenado séries de palavras com respectivos significados.

Segundo Souza (2015), *input* é:

...é o resultado da entrada de impulso ou estímulo que gera aprendizagem e conhecimento. O output é a saída que gerou uma produção do estímulo com um comportamento que contribui para as teorias cognitivas da aprendizagem. O desenvolvimento da linguagem e sua aquisição, segundo Chomsky, parte do princípio de que quando a criança aprende gera um input (entrada), ou seja, um estalo, segundo a psicolinguística, um despertar para a aprendizagem [...] O input linguístico corresponde às experiências que a criança absorve em contato com o meio social. (SOUZA, 2015, p. 3-4)

Consonante a este pressuposto teórico, há vários estágios em que são denominados de processos parciais de aprendizagem, ou seja, não se aprende a falar uma língua de uma vez por toda. Para de chegar ao nível avançado, a criança perpassa pelos vários estágios.

Dentre os quais, resumidamente, apresentados por Grolla (2006, p. 4-8), que são os seguintes estágios:

- 1- **Primeiros meses de vida:** a criança chora e começa a balbuciar, emitindo sons que não têm nenhum significado;
- 2- **Seis meses:** as crianças balbuciam um maior número de sons. Elas produzem várias sílabas diferentes, que são repetidas à exaustão, como ba, ba, ba, bi, bi, bi. Crianças adquirindo línguas diferentes apresentam o mesmo tipo de balbucio;
- 3- **Dez meses:** o balbucio das crianças muda e elas começam a balbuciar somente os sons que ouvem. As crianças também usam o acento e contornos entoacionais de sua língua;
- 4- **Um ano:** ao completar um ano de vida, a habilidade de discriminar sons de línguas estrangeiras decai. Os bebês começam como potencialmente falantes de qualquer língua humana e sua capacidade para linguagem pode se adaptar a qualquer input linguístico. Enquanto ao nascer eles têm capacidade para lidar com variações globais, depois de um ano de experiências suas capacidades ficam mais refinadas. Durante esse desenvolvimento, eles

perdem algumas habilidades (por exemplo, lidar com contrastes de consoantes de línguas estrangeiras), mas ganham outras que os preparam para aprender as unidades da língua que ouvem ao seu redor;

- 5- **Um ano e seis meses:** as crianças começam a combinar duas palavras isoladas, por exemplo, “auau... água”. O padrão de entonação usado pela criança é o padrão de palavra isolada, com uma pausa entre elas. Essas combinações de palavras não são ainda sentenças. Nesta idade, o vocabulário aumenta rapidamente, pois as crianças aprendem várias palavras novas a cada dia;
- 6- **Dois anos:** a criança tem um vocabulário de aproximadamente 400 palavras e já produz sentenças simples com mais de duas palavras, nesse estágio, algumas palavras gramaticais, como artigos (“o”, “a”) e complementizadores (como “que” e “se”), ainda não são usados (Brown (1973). Entre 2 anos e meio e 3 anos, a criança tem um vocabulário de aproximadamente 900 palavras e começa a usar palavras gramaticais como artigo e pronomes;
- 7- **Mais de três anos:** o vocabulário da criança gira em torno de 1.200 palavras. Preposições e outras palavras gramaticais continuam a ser adquiridas. Entre 3 anos e meio e 4 anos, as crianças começam a usar sentenças com mais de uma oração, como orações relativas e orações coordenadas. Por volta de 4 e 5 anos de idade, as crianças têm um vocabulário de mais ou menos 1.900 palavras e já usam orações subordinadas com termos temporais, tais como “antes” e “depois”.

Afora esses estágios de aprendizagem, há teóricos que presumem a quantidade de estágios em quatro estágios com outras palavras, e também de forma resumida, que consiste em “sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório-formal. O desenvolvimento da linguagem se dá de forma sistemático-representativa em que primeiro vem à aquisição da inteligência para depois vir a linguagem em si”, (SOUZA, 2015, p. 3)

E dentro desse processo, segundo essa mesma autora,

A aprendizagem de uma língua pressupõe consequentemente comunicação, para atingir a língua alvo, é necessário falar o idioma e não apenas aquisição dessa língua. A aquisição do idioma se volta para contextualização e vivência do cotidiano (SOUZA, 2015, p. 6-7)

Considerando, essas noções levantadas, é preciso tornar ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa como método que pudesse adotar segundo essas teorias, uma vez que, em muitas ocasiões, principalmente nos ensinos de português na escola, geralmente, se estabelecem métodos antiquados, nos quais pretender que os alunos aprendem de forma artificial.

Assim esse tipo de aprendizagem, sucede não contribuindo para o aprendizado dos educandos. O ideal, como foi dito, as criança desde nascimento ela possui um tipo de mecanismo eficiente, o qual lhe possibilita a capacitar a aprendizagem do meio exterior. Nesse caso, é primordial que o ensino de português pudesse apenas intermediar, intervir para que esse processo de aprendizagem funcione de forma mais rápida, sem interferir o aspecto natural.

2. 4 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Os presentes temas, no contexto escolar tem causado dúvidas entre os educadores, não é demasiado dizer que existem profissionais da educação que nunca sequer se perguntou a respeito do que é letramento ou alfabetização. E mesmo que poucos tenham noção sobre seus conceitos, mas os confundem, o que significa que alguns professores pensam que letramento e alfabetização são termos similares.

É comum que isso acontece, é porque segundo Soares (2004), historicamente ambos os termos são confundidos por terem atribuições semelhantes, "no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem, frequentemente se confundem. Esse enraizamento do conceito de letramento no conceito de alfabetização pode ser detectado tomando-se para análise fontes como os censos demográficos, a mídia, a produção acadêmica", (SOARES, 2004, p. 7)

Inclusive, a mesma autora, enfatiza que durante o tempo remoto, seus conceitos tiveram outros conceitos diferentes da atualidade. Antes, a pessoa alfabetizada, tinha que ter no máximo o domínio da leitura e escrita nos aspectos mais básicos.

A partir do conceito de alfabetizado, que vigorou até o Censo de 1940, como aquele que declarasse saber ler e escrever, o que era interpretado como capacidade de escrever o próprio nome; passando pelo conceito de alfabetizado como aquele capaz de ler e escrever um bilhete simples. (SOARES, 2004, p. 7)

A princípio, as crianças ao atingir as primeiras habilidades no domínio motora da escrita e da leitura, era considerada alfabetizada. Nesse período, até o sistema como se sabe, tinha outro conceito, ou seja, seu seguimento se valia às hierarquização em séries, tanto que o primeiro momento escolar era conhecimento como alfabetização, o que coincide que, nesta etapa, a criança tinha obrigação de aprender a ler as primeiras letras, rascunhar sobre elas, assim conforme o decorrer de sua convivência escolar, ela dominaria a formação de palavras simples, como por exemplo seu nome.

Porém, durante o trajeto histórico da educação, seu conceito foi mudando, isso consiste a reestruturação de níveis escolares, como se sabe, que recente foi fundada a Educação Infantil, e sucessivamente, aumento de mais de “uma” série, que ficou conhecido como “Ensino Fundamental de Nove Anos”.

Então, inovações ao longo do tempo trouxe concepções diferentes em relação ao conceito de alfabetização, como postula Soares (2004):

Em função dos quais se caracteriza o nível de alfabetização funcional da população, ficando implícito nesse critério que, após alguns anos de aprendizagem escolar, o indivíduo terá não só aprendido a ler e escrever, mas também a fazer uso da leitura e da escrita, verifica-se uma progressiva, em cautelosa, extensão do conceito de alfabetização em direção ao conceito de letramento: do saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita. (SOARES, 2004, p. 7)

De acordo com Magda Soares (2004), a mídia contribuiu em certas ocasiões, em razão de que sempre divulgara sobre levantamento de analfabetismo no Brasil, e um dos exemplos, segundo ela, foi a Folha de São Paulo em 1990, na época em que divulgara que nas escolas brasileiras tinham percentual de 18% de pessoas eram analfabetas, enquanto as demais não representavam categorias específicas.

E neste momento então, houve aparição de termos como desqualificados, que consiste aos alunos que sabiam ler e escrever um bilhete, mas que tinham menos de quatro anos de escola, inclusive, o foi definido a respeito destes com da categoria de analfabeto funcional.

E assim se foi, conceitos foram tendo concepções diferentes como semi-analfabetos, iletrados e analfabeto funcionais, e posteriormente, o termo que quase tem o mesmo sentido, como no caso de letramento. Para tanto, esse termos até nos dias de hoje estão como instrumento pedagógico que mensura o nível que cada pode apresentar no sentido de intelectualidade.

Ainda a mesma autora, em seu artigo denominado de “Alfabetização e letramento (2007)”, conceitua o termo “alfabetização” como forma de levar à aquisição do alfabeto para o aluno, isto é, ensinar a ler e a escrever, seu foco era habilitar os sujeitos para ao menos escrever e ler pequenos textos.

Deste modo, a alfabetização é tida segundo autora, como aquisição do código alfabeto e ortográfico através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita, sua origem com este conceito, é relacionada ao período pós Proclamação da República, Diogo & Gorette (2011), tendo como principal objetivo tornar as novas gerações aptas à nova ordem política e social.

Na concepção de hoje, conforme Lopes (2010), consoante com o postulado de Soares (1998), a alfabetização é visto como:

... aquisição do código da escrita e da leitura [...] esta se faz pelo domínio de uma técnica: grafar e reconhecer letras, usar o papel, entender a direcionalidade da escrita, pegar no lápis, codificar, estabelecer relações entre sons e letras, de fonemas e grafemas; a criança percebe unidades menores que compõem o sistema de escrita (palavras, sílabas, letras). (LOPES, 2010, p. 10)

Nesse contexto que na educação atual, a criança alfabetizada quer dizer que a criança domina os domínios básicos da escrita e da leitura. Suponha-se que, nesta fase, o aluno já é capaz de ler qualquer texto, sabe produzir ainda que seja de forma limitada os pequenos textos, enfim.

Inclusive, para o seguimento do Plano Educacional, esse aspecto de habilidades é uma prioridade para as escolas do Brasil cumprirem, alfabetizar as crianças até ao concluir 3º ano do Ensino Fundamental, que é uma meta (5) estabelecida pelo PNE/2014 (Plano Nacional de Educação) do governo federal.

Isso significa que, a priori, a faixa etária entre 6 a 8 anos de idade, a criança doravante pode ser considerada alfabetizada, uma vez que, esse documento não prevê tais habilidades sob o ponto de vista da qualidade, e sim no sentido de “idade”, sendo que é sabido que nesta modalidade de ensino de 9 anos, é mister que a criança seja inserida na escola obrigatoriamente a parti dos 6 anos de idade que corresponde ao 1º ano, assim ao atingir o 3º ano ela terá que ter 8 anos de idade.

Diante do exposto, vale enfatizar esta etapa, consiste ao Ensino Fundamental Menor ou Ensino Fundamental II, como queira chamar, que se organiza dentro da educação básica que abrange desde o 1º ano até o 5º ano. Como dito, habilitar

crianças até esta faixa etária é uma obrigação, assegurada e garantida no PNE/2014-2024, e tem como meta de número 5 “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do terceiro ano do ensino fundamental”, (BRASIL, 2014, p. 33)

Já a definição do termo “letramento”, possui características pouco distinta em relação ao conceito do primeiro. Nesta categoria, a criança não deve ser mais somente alfabetizada, sobretudo ela precisa ter habilidade mais que isso simples domínio da escrita e da leitura, sendo que letramento já requer habilidades mais avançadas, assim, este não deve atribuído somente às crianças, também para os adultos, aliás, igual ao termo alfabetização, uma vez que não só as crianças podem ser alfabetizada ou letradas, faixas etárias diferentes também.

Quanto ao surgimento do termo, Diogo & Gorette (2011), apontam os períodos em que muitos estudiosos fizeram pesquisas acerca dos insucessos escolares no âmbito de aprendizagem da linguagem ou utilização de línguas de forma competente.

Este termo ganha espaço a partir da constatação de uma problemática na educação, pois através de pesquisas, avaliações e análises realizadas, chegou-se à conclusão de quem nem sempre o ato de ler e escrever garante que o indivíduo compreenda o que lê e que escreve. Entretanto, se reconhece que muito mais que isso, é realizar uma leitura crítica da realidade, respondendo satisfatoriamente as demandas sociais. (DIOGO & GORETTE, 2011, p. 12196)

Letramento, segundo Soares (2003), não pode ser entendida como mecanismo pedagógico desvinculado à alfabetização, o que infere-se que letramento não é mais nada do que é a sequência de “alfabetizar”, porém, no sentido mais técnico, nesta categoria, o alunos é capaz de relacionar daquilo que lê e escreve às suas experiências de mundo, em outras palavras, tudo que escreve e lê, espontaneamente é dado o sentido, o significado e as finalidades respectivas.

De acordo com, Lopes (2010), letramento é “é a utilização desta tecnologia em práticas sociais de leitura e de escrita”, (LOPES, 2010, p. 10). Com bem frisado anteriormente, o processo de letramento é apenas uma sequencia de alfabetização, porém, de uma mais aguçada, aqui o professor precisa ensinar tecnicamente como escrever e ler um determinado texto.

Estas habilidades faz com que o aluno não seja mais apenas leitor passivo, o que comumente é atribuído aos alfabetizados. No nível letrado, o estudante deve ter proficiência habilitada, assim ele tem facilidade de inferir o que está diante dele, à

medida que lê diferentes tipologias textuais ou gêneros textuais, é crítico, debate, indaga, enfim, esse tipo de habilidade na atual educação é conhecido como letrado.

Diante de tudo isso, vale enfatizar que, para estudiosos, letramento não deve ser confundido ao termo de alfabetização, sendo que pessoa analfabeta pode ser também considerada letrada, desde que esta tenha habilidade de usar a linguagem de forma dinâmica, pode apresentar qualidade de crítico do que se lê ou ver.

Nesse caso, letramento pode apresentar diversos níveis e diversas características. Por isso, sinteticamente, não pode dizer, só porque o sujeito tem escolaridade alta ou sabe bem dominar a escrita e a leitura, considerar que é letrada.

A não ser que, este sujeito sabe de forma técnica, como retirar inferência daquilo que lê ou daquilo que se escreve. No entanto, este último, o letramento, é um dos processos pedagógicos que mais preocupam os atores da educação, haja visto que, neste nível de habilidade, a maioria dos alunos apresentam dificuldades.

Dessa forma, a educação no Brasil, principalmente a figura da escola pública tem sido constantemente sendo criticado, ora pelas razões de apresentarem índices alto de déficit de aprendizagem, ora por apresentarem baixo rendimento no IDEB, tudo isso, a priori esta relacionada a má aplicação de alfabetização e desconhecimento de letramento por parte da grande maioria dos educadores.

Por entender assim, a alfabetização se inicia desde a inserção do aluno na escola, e consiste como aquisição de conhecimento sistemático da escrita e leitura, já o letramento, começa logo após a esta fase, sendo que o estudante já sabe como funciona o sistema ortográfico e da leitura, agora, ele vai utilizar esses conhecimentos para relacionar aos conhecimentos que ele possui.

De uma forma ou de outra, ambas são importantíssimo para a evolução intelectual das crianças, sem as quais a educação não teria efeito algum na vida das pessoas, a segurança e garantia dos pais em relação ao aprendizado dos estudantes, está relacionada aos processamentos de alfabetização e letramento, os quais de certa forma, torna determinado educando como aluno sabido do que ele aprendeu pelo intermédio do professor ou por causa do professor, sendo que é alfabetizado e letrado.

2.5 CIÊNCIAS QUE FAZEM INTERFACE COM A PSICOLINGUÍSTICA

A Psicolinguística como uma das disciplinas ao lado de outras importantes para estudos linguísticos, esta tem chamado atenção de várias outras áreas de saber, devidamente por atuar curiosamente aos estudos dos processamentos mentais, à medida que o indivíduo vai utilizar a linguagem.

De acordo com Pereira (2012),

Sua configuração como uma disciplina tem seus primeiros sinais na curiosidade sobre o pensamento – sua origem, seu lugar de realização, sua construção – que, por sua vez, se associa à curiosidade sobre os sentimentos do homem. Esse movimento de compreensão do pensamento e dos sentimentos tem sua raiz, na verdade, no desejo de conhecimento da essência humana – seu passado, seu presente e seu destino. (PEREIRA, 2012, p. 8)

Para Psicolinguística tudo que motiva o homem a falar, a se comunicar com o outro, se relacionar por meio da linguagem, tem suas razões ligadas aos processos psíquicos, não é a toa que, os indivíduos se comunicam, quer que seja por meio da fala, quer que seja por meio da linguagem não-verbal.

Essas questões tem sido de grande relevância para esta disciplina, porém, sozinha seria impossível desvendar muitos mistérios, uma vez que, a linguagem essencialmente é motivado pelos fatores psíquicos, ainda não muito bem conhecidos. Das vezes, até outros fatores que não são psicológicos, como fatores linguísticos, históricos, sociólogos entre outros.

De acordo com Pereira (2012), desde a antiguidade os estudos dos tipos psicolinguísticos sempre foram mencionados, porém de forma implícita. Os antigos gregos falavam sobre isso, os estudiosos da Idade Média citaram de forma breve, até os mais recentes como sociólogos, filósofos e linguistas também mencionaram sobre a possibilidade de existência desse tipo de estudo.

Com base em reflexões filosóficas, essa disciplina é de certo modo anunciada no Mundo das Ideias de Platão, indicando concepções prévias no pensamento. Em sua argumentação está o Mito da Caverna, gerando inúmeras interpretações e atravessando os tempos. Esse anúncio está também na Maiêutica Socrática, em que o conhecimento se revela na parturição das ideias. Com Descartes, século XVII, isso se faz pelo racionalismo, sendo o pensamento indicativo da existência humana – “Penso, logo existo”. Em Humboldt, século XVII, a língua, mesmo sendo

inata e mental, não deve ser considerada uma obra acabada (energia), mas sim uma atividade (ergon). (PEREIRA, 2012, p. 8)

Tentando buscar explicação da relação entre a linguagem e a mente que, vários estudos recorreram às diversos campos de conhecimento científico, empírico, filosófico, Pereira (2012), e não ficou de fora explicações como míticas, religiosas, linguísticas, e posteriormente pelos estudos do ramo da neurociência.

Contudo, como se é sabido, a Psicolinguística surgiu recentemente, estudiosos relatam que foi na década de 50, através de realizações sucessivas de encontros “Seminários” dos psicólogos e linguistas, esse período em que mais se identificou como interesse evidente em explicar sobre os fatores psíquicos em relação à linguagem.

Assim umas das principais ciências que se tem conhecimento, que fundou a Psicolinguística com estes objetivos, é a Psicologia, com a colaboração da Linguística, haja visto que, a primeira trata dos estudos psíquicos e a segunda como estudos da linguagem e suas variações, tanto no aspecto presente, quanto no aspecto do passado, ainda, considerando diferentes tipos de linguagem.

Porém, quando observar mais detalhadamente, a Psicolinguística atual, por se aprofundar nestes estudos, se inter-relacionou às mais variadas áreas de estudos científicos, esses desdobramentos teórico/científico devido a linguagem não esta simplesmente relacionada às questões da origem da língua, como no caso a mente.

Durante o aprofundamento e evolução desta disciplina, os simpatizantes descobriram somente dos estudos psicológicos e linguísticos não suficiente para explicar as séries de mistérios, assim, queira ou não queira, nessa instância precisa fazer a parceria entre outras ciências e disciplinas.

De acordo, com Pereira (2012),

O seu desenvolvimento abriu pontos de curiosidade científica que, para serem examinados, conduziram-na naturalmente para o estabelecimento de interfaces internas com outras áreas da Linguística (Linguística do Texto, Análise do Discurso, Teoria da Enunciação, Pragmática) e interfaces externas com outras áreas do conhecimento (Psicologia Cognitiva, Fonoaudiologia, Biologia, Medicina, Computação, Comunicação, Educação e, mais recentemente, Neurociências) (PEREIRA, 2012, p. 9)

Neste breve pressuposto, pode-se observar que a Psicolinguística, abrange dois grandes campos, como referido “interno” e “externo”. Quanto ao primeiro, pode-se notar que se trata de conhecimentos científicos que apresentam similaridades

quanto a seu objeto de estudo, ou seja, estas ciências estudam os aspectos muito próximos da que a Psicolinguística estuda.

Em relação ao campo externo, consiste em ciências que de alguma forma influenciaram seus princípios, a saber Psicologia, devido focalizar como objeto de estudo os processos mentais, Neurociência, também pela razão semelhante, assim a Biologia, Comunicação, e Educação enfim.

Segundo o que relata as autoras como Flôres & Pereira (2012, p. 83-84), as principais olhares em que a Psicolinguística tem se voltada são as referentes a seguintes áreas científicas devido os respectivos tratamentos ou investigação, na área da Linguística, a Pragmática e os Estudos do Texto e do Discurso constituem-se em importantes possibilidades de conexão, haja visto que, são campos que tem algo em comum. De acordo com as autoras supracitadas,

no espaço das Letras, a Literatura atrai os olhares linguísticos com intensidade, em parte por ter sido considerada inconveniente, durante longo tempo, qualquer tentativa de aproximação, estando aí a oportunidade especial de a arte, a estética, abrirem novos caminhos para a consideração da leitura em estudos de natureza psicolinguística. (FLÔRES & PEREIRA, 2012, p. 83)

Ainda seguindo a ideia de interface, as mesmas citam, a Pragmática, devido sua natureza cognitiva, como campo importante no sentido da inferência, pode contribuir para explicitação dos procedimentos inferenciais da compreensão e da relação entre esforço cognitivo e êxito.

Já os “Estudos do Texto” e do “Discurso”, para as autoras disponibilizam para Psicolinguística, informações textuais e discursivas para análise do processamento da compreensão da leitura dos diversos gêneros escritos e orais, neste caso convém a ser adotado pela teoria psicolinguística.

Como no início foi relatado que, a Psicolinguística abrange ao campo externo, neste caso, consistem em relação às outras ciências que não apresentam necessariamente as similaridades em relação ao objeto de estudo. Nestes argumentos, Flôres e Pereira (2012), enfatizam que:

No universo dos campos do conhecimento, têm relevo a Comunicação Social, a Computação, a Psicologia, as Neurociências e a Educação. A Comunicação Social contribui com informações sobre a natureza e os efeitos dos meios de comunicação para o estudo dos processos de compreensão de materiais falados e escritos, valendo ainda a afirmação de McLuhan de que “o meio é a mensagem”. A Computação oferece ferramentas para geração de textos virtuais e investigação dos processos

de compreensão leitora e auditiva. A Psicologia, próxima da Psicolinguística em suas origens, contribui, com seus instrumentos e resultados de pesquisa sobre variáveis importantes da compreensão, como atenção, emoção e inteligência. As Neurociências, por sua vez, trazem informações sobre o funcionamento neuronal do cérebro, permitindo o entendimento do papel das diversas zonas, das memórias, da consciência nos processos de compreensão de textos. A Educação, tendo como seus objetos de preocupação a aprendizagem e o ensino, ao mesmo tempo contribui com informações de que dispõe sobre a situação educacional, envolvendo a ação de seus profissionais e dos alunos, e acolhe as iniciativas da Psicolinguística sobre trabalhos com a leitura. (FLÔRES & PEREIRA, 2012, p. 83-84)

Diante destas colocações teóricas, a ideia de rotular que Psicolinguística apenas os processos psíquicos em relação a natureza e o uso da linguagem, ésta longe de ser conveniente, uma vez que, pelo que se viu, há vasto de extensão em que atua, na qual se relaciona, por estas condições, como disciplina ainda em evolução, esta é uma nova aposta muito importante para a efetivação de ensino-aprendizagem, em especial no que tange a aquisição da linguagem e conhecimentos variados, ou qualquer das atividades relacionadas à mente, o cérebro, comportamento, e linguístico.

2.6 CONCEPÇÕES DE ENSINO

Ensinar, é um verbo que apresenta o sentido complexo na vida do ser humano, não há limite para se dizer que ao aprender algo já se conclui o ato de ensinar. O homem por natureza, é suscetível à atribuição do “ensino”, pois durante toda sua vida ele precisa ou necessita ser ensinado sobre algo, inclusive, sua missão de aprender sobre “tudo” só acaba após o seu falecimento, assim, o ato de ensinar sempre está em processamento.

As experiências do homem, como ser racional, sempre dependeu do ato de ensinar, graças, a este termo que ele aprendeu, a ser o que é. As virtudes, os valores, e as qualidades que o ser humano possui foram adquirido por causa do ensino. Se aprende por intermédio do ensino, então ele, aprendeu a falar, escrever, ler, imaginar, criticar, inferir, enfim, umas séries de aprendizados.

Partindo o debate neste ponto de vista, primeiramente, é interessante verificar quais são os conceitos primordiais são apresentados pelos estudiosos. Nesse caso, não precisa buscar muito além os autores que explicitam tal termo. Poderia-se citar o

próprio Ferreira (1986), o qual conceitua em alguns conceitos mais básicos, haja visto, a palavra “ensino” ela pode variar em vários outros campos.

Quanto à colocação do autor em relação à definição, se fundamenta basicamente no aspecto geram, em que é atribuído. De acordo com esse autor, o termo “ensino” significa:

- Transmissão de conhecimento, informações ou esclarecimento úteis ou indispensáveis à educação ou a um fim determinado;
- Os métodos empregados para se ministrar o ensino;
- Esforço orientado para a formação ou modificação da conduta humana...

Sob estes pontos de vistas, que o ensino é compreendido como legado da sociedade humana. O ensino, na verdade como um dos mecanismos que a natureza da sabedoria oferece, é o recurso primordial, porque através dele que, desde a Antiguidade, o homem que não sabia nada se evoluiu.

Hoje, conforme se vê, se encontra no topo do conhecimento. Durante o trajeto de sua evolução, descobriu várias novidades e em várias áreas de conhecimento, científico, filosófico, teológico, empírico, literatura, nas artes, enfim. Até ao patamar em que chegou no tempo atual, no conhecimento tecnológico.

Por esses e tantas atribuições que o ensino possui, ele tornou o elemento crucial ao fundamento da educação da educação, e em especial na busca de aprendizagem de conhecimentos escolares, ou seja, tudo que envolve à educação, a saber, pode-se ao ensino-aprendizagem da leitura, da escrita, da linguagem, e temas referentes aos conteúdos acadêmicos, sociais ou políticos.

Para tanto, é mister que seja delimitada a sua atribuição, ou melhor sua concepção em relação à área que se pretende aplicar. No contexto social, o ensino é aplicado para que os sujeitos constituintes desta sociedade possa conviver conforme o ritmo e as exigências vigentes.

Assim, os sujeitos, aprendem como lidar com variadas situações de conflitos, de problemas, dificuldades, de trabalho, de organização. Aprende sobre a língua materna, a cultura, o modo como demais vivem, enfim, aprende sobre o deve e o que não deve ser aprendido, isso na visão da educação informal.

Já contexto da educação escolar, o ensino, demonstra ter concepção bastante peculiar, uma vez que, neste ponto, sua atribuição é relacionada

exclusivamente ao modo de “ensinar” conhecimento escolar, de regular o que se deve aprender como meta.

Por isso como diz, o renomado autor, Severino (2008), o ato de ensinar não deve ser efetivado de qualquer forma. Aquele que pretende “ensinar” alguma matéria, o assunto ou algum tipo de conhecimento escolar precisa antes elaborar seu plano na maneira minuciosa, sendo que, no contexto escolar, o ensino deve ser orientado a rigor de planejamento.

Essas condições, como se é sabido, é porque na escola a forma de processamento de ensino-aprendizagem precisa acompanhar alguns critérios básicos, o que significa dizer que, deve acompanhar às orientações que definem as faixas etárias e respectivas propostas pedagógicas as quais direcionadas para estas faixas etárias.

E da mesma forma, quanto às propostas que são direcionadas por semestres, bimestres, ou níveis de escolaridades também obedecem aos mesmos critérios. E olhando mais adentro dos assuntos curriculares, as condições são as mesmas, nesta instância que se torna importante o ensino.

Essa importância, pela razão de que, o desdobramento do ensino precisa obedecer às orientações como: o que ensinar, qual modalidade – escrita, leitura, interpretação textual, produção textual, análise linguística enfim, desse modo, definindo que o ensino não é o mecanismo que deve de efetivado de qualquer jeito.

Mas antes, precisa estabelecer a meta, o objetivo, a finalidade, uma vez que, na educação formal, o ensino acontece de forma diferente do que ocorre na educação informal, na qual o sujeitos aprende pela relação de convivência sem ter que planejar, já no sentido acadêmico, “O ensino não pode realizar-se de forma aleatória, diletante, espontaneisticamente conduzido...”, (SEVERINO, 2008, p. 17).

Quanto a isso, vale mencionar sobre o que o Parâmetro Curricular Nacional (PCN), enfatiza segundo o seu ponto de vista como eixos centrais do ensino, ou seja, como variáveis. Dentro da educação formal, em especial ao ensino de Língua Portuguesa, o ato de ensinar se articula sobre três variáveis,

- O aluno;
- Os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem;
- A mediação do professor; (BRASIL, 1998, p. 22)

Segundo este documento que dá diretrizes sobre o ensino de Língua Portuguesa, o aluno é considerado como sujeito principal da ação de ensinar, é para e por causa dele que deve ser ensinado o conhecimento. Quanto a esse conhecimento, é tido como o conjunto de conhecimentos “discursivo-textuais” e “linguísticos”, considerando que aprendizagem desses conhecimentos sejam de utilidade na vida social no contexto da linguagem.

E em relação ao papel do professor, consiste à prática docente, incluindo concomitantemente o papel, os quais juntos devem intermediar o sujeito e o objeto de conhecimento, visando efetivação do ensino-aprendizagem do modo que for planejado.

Mediante a concepção de ensino, o professor deve garantir a concretização da aprendizagem efetiva no aluno, mas, para que isso ocorra, é preciso que este seja comprometido com o planejamento, colocar em ordem suas práticas pedagógicas de uma maneira flexível, suscetível a cada momento de se adequar às qualidade que o aluno pode ter. nesse caso, vale enfatizar também, que ele deve como amigo, que, de boa fé, possa orientar, dirigir, corrigir sutilmente, a fim de que no final possa ser atingido os objetivos do ensino.

Esses objetivos segundo os PCN consiste em:

O objeto de ensino e, portanto, de aprendizagem é o conhecimento linguístico com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem. Organizar situações de aprendizado, nessa perspectiva, supões: planejar situações de interação que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino. (BRASIL, 1998, p. 22)

Partindo desses pressupostos levantados pelo PCN, infere-se que o ato de ensinar não ser entendida como ato sem organização. Portanto, é o ato sistematizado segundo os critérios bem pré-estabelecidos. E esse como bem frisado, deve se articular entre objetos e sujeitos do ensino.

Desse modo, entende-se que tudo que pretende ter noção e ter conhecimento, no caso, o conhecimento morfológico, sintático, semântico, textual, discursivo, motora, escrita, leitura, de gêneros textuais, produção textual, e outros, são objetos de “ensino”, desde que seja orientado pelo requisito “planejamento”.

Em outras palavras como postula Conrado & Oliveira (2010), consonante com a consideração de Delors (2000), é de que, o ensino deve se processar de acordo com os três pilares da educação, que até nos dias atuais ainda são consideradas como referenciais na efetivação da educação na vida dos alunos, como mostra os seguintes:

Aprender a conhecer é tipo de aprendizagem que visa asquirir os instrumentos da compreensão. Aprender para conhecer pressupõe aprender a aprender, praticando a memória e o pensamento. Desde a infância, o jovem aprende a prestar atenção às coisas e as pessoas.[...]

Aprender a fazer visa não somente adquirir uma qualificação profissional, mas competências que tornem a pessoa capaz para superar diversas situações e a trabalhar em equipe.

Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros, é uma aprendizagem que atualmente é um dos maiores desafios da educação. Num primeiro nível a educação deve utilizar a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e durante toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser um método para resolver conflitos latentes de convivência. [...]

Assim, *aprender a ser* é para desenvolver a sua personalidade, agir cada vez mais com a capacidade de autonomia e de responsabilidade pessoal. (CONRADO & OLIVEIRA, 2010, p. 4-5)

À medida que se compreende esse ponto de vista, propõe-se que o ensino na vida do ser humano, ele processa conjuntamente à educação, até porque, este é praticamente é o elemento da educação. Agora por falar de educação, frente dois tipos entre: educação informal e educação escolar, vale ressaltar os seguintes princípios, como foi anteriormente.

Duas modalidades, têm funções semelhantes, na condição de que ao desenrolar da vida, é elas que são responsáveis pelo desenvolvimento das crianças em vários aspectos, ou seja, o indivíduo só se desenvolve no sentido de: inteligência, habilidade, espírito e outros aspectos por causa da educação, que por sua vez, recorre ao ensino.

Conforme, dito por Delors (2000),

a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebeu na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. (DELORS, 2000, p. 99)

Então, a atribuição que o ensino carrega sob perspectiva da educação é muito importante para a vida das crianças, e em especial aos estudantes, sendo que, pelo nesta instância, ela se desenvolve de forma intencional e modo programado.

Assim, é mister considerar como de grande valor o ensino, desde que a criança seja inserida na escolar até ao atingir os níveis de escolaridade mais avançada. Não é toa que no sistema educacional foram hierarquizadas os níveis escolares, pela razão de que, assim como conhecimento da educação informal não tem limite, e da mesma forma o conhecimento escolar e acadêmico também é ilimitado, nesse, a criança a aprender, mas nunca chega ao fim desse aprendizado, e portanto é contínuo cada vez mais.

No entanto, levando em considerando o processo de ensino como contínuo, vale destacar que, por isso é importante que o ensino de Língua Portuguesa veja esta como “forma” de adquirir a linguagem, como recurso eficiente e disponibilizada por própria natureza humana, haja visto que, o homem destina-se para conhecer seu mundo.

No caso do ensino de língua, deve ser ensinada de forma parcial, considerando aspectos que são fundamentais no que tange ao seu conhecimento. Por exemplo, antes de trabalhar com as questões da linguagem, o educador precisa antes apresentar vários tipos de linguagem, entre elas como verbal, não-verbal, escrita, falada, estruturação da língua e entre outros aspectos gramaticais.

Uma vez que, como dito, a aprendizagem sobre conhecimentos não acontece ao mesmo tempo, e nunca acontecerá numa só vez, pelo contrário, tudo depende do seu tempo e organização. Por isso, o “ensino” como item principal, consiste como uma forma de adquirir o saber, o conhecimento ou informação a respeito de algo.

2.7 TEORIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Para estudiosos de vários ramos da ciência humana e da linguagem, a forma de adquirir conhecimentos e a forma como acontece a aquisição de linguagem, têm suas explicações mediante as diversas teorias, o que significa que, o indivíduo ao adquirir a linguagem, ele perpassa pelos vários estágios, incluindo conjunto de mecanismos que o faz a ter probabilidade mais evidente de aprender, conforme estabelecido.

Inclusive, esse tipo de teoria, foi essencial para a evolução de vários métodos que foram utilizados ou experimentados em humanos, estritamente às faixas etárias que apresentam grandes chances de ser efetivado. Nesse, caso, existem no campo destas teorias, vários indícios que afirmam que criança para adquirir a linguagem, ela pode ser induzida de forma natural ou de forma artificial, estimulada por alguma forma externa.

Dentre os fundadores das teorias mais importantes da aquisição da linguagem, estão Chomsky, Piaget e o Skinner, cada com suas teorias distintas, vale enfatizar que suas teorias foram adotadas dentro as perspectivas educacionais, pelo que se viu, nenhuma dessas teorias apresentaram relacionamento de boa fé, isto é, por alguma razão sempre tiveram conflitos em ideias.

De acordo com Parot (1978), Skinner foi o fundador do Behaviorismo, quer dizer, deu continuidade dessa, porém deixando sua marca. Uma vez que, este relaciona o behaviorismo como “filosofia da ciência do comportamento”. Segundo Parot, nesta corrente o Skinner fez com que esta teoria marcasse sua postura.

Outro estudioso reitera que,

A teoria behaviorista, principalmente, nos anos 50, no domínio da psicologia como no domínio da linguística, além de Skinner (1957), estão associados a esta teoria, do ponto de vista linguístico, nomes como Osgood (1966) e White (1970). (MARTINS, 2008, p. 2)

E essa marca, é de contrariar a essência do espiritualismo, típicos dos primeiros behavioristas, sendo é visto como forma de se posicionar contra o mentalismo, principalmente na área da Psicologia. De acordo com este autor, Martins (2008, p. 1), o behaviorismo no âmbito da Psicologia, é tida como teoria e método de investigação psicológica que procura examinar do modo mais objetivo o comportamento humano e dos animais, com ênfase nos fatos objetivos (estímulos e reações, sem fazer recurso à introspecção). Segundo Parot (1978),

Para ele é muito importante deixar de recorrer ao conceito de espírito e muito especialmente às vontades, às necessidades, às motivações, aos interesses, aos sentimentos... para explicar o comportamento, pois estes conceitos por si mesmos não explicam nada e é até necessário explicá-los. É uma das razões da originalidade de Skinner na corrente behaviorista. (PAROT, 1978, p. 121)

De acordo com o mesmo autor, ao nível da aquisição da linguagem é necessário para Skinner considerar dois elementos primordiais, que são: a história dos reforçamentos que o sujeito experimentou e a situação na qual o comportamento é realizado.

Inclusive, esse lado teórico que envolveu na história da educação o famoso "behaviorismo", em que considerada crianças como animais, por acreditar é possível ensiná-la através de estímulos, ou seja, precisa ser "castigada" ou "submetida" à uma condição de exigência, para behaviorismo, a criança aprende.

Segundo Parot (1978), à medida que o Behaviorismo foi aplicado, este visava o ensino-aprendizagem da linguagem, conforme relata,

No que se respeita ao mecanismo da aquisição da linguagem Skinner considera que, como para todo o comportamento, é o condicionamento operante que pode ter um papel importante: em presença de um certo estímulo (referência-objecto), o indivíduo emite uma certa resposta (uma palavra) que o ambiente reforça ou não (incompreensão das outras pessoas, correcção pela mãe, obtenção do objeto...). O ambiente que condiciona uma tal aprendizagem inclui, evidentemente, todos os discursos entendidos pela criança, as realizações da sua língua materna e é a sua relação com o ambiente que explica a sua aquisição. (PAROT, 1978, p. 122)

Nesse ponto teórico instala-se behaviorismo, como foi mencionado, a teoria que defendia que aquisição da linguagem precisa ser estimulada pelos esforços e estímulos, no caso, segundo a este pressuposto, todas as pessoas tinham carácter iguais, igual a de um animal, por isso, para estimular aprendizagem precisa de um algum tipo de método.

Já outra teoria, que fora fundada pelo Chomsky, diferencia o que é defendida pelo Skinner, por sua vez esse teórico, acreditara que, a criança para aprender não precisa de estímulos, daí que nasce o inatismo. Segundo essa teoria, era fundamentada no seguinte princípio, "contra a tábua rasa ele postula que a criança vem ao mundo com capacidades – verbais em particular – já programadas", (PAROT, 1978, p. 117).

Ainda sobre a especificidade da teoria do inatismo do Chomsky, Parot esclarece que No caso de uma criança de ano e meio, todas as potencialidades gramaticais estão já presentes,

mas se a criança não as utiliza é porque é necessário esperar a <<colocação certa>> dos diversos utensílios de realização, dos filtros psicológicos, com as operações mnemônicas, perceptivas, fonatórias, etc. que realizaram essas potencialidades. A rapidez com que a criança vem a utilizar uma estrutura muito complexa, como é a linguagem, não pode explicar-se pelos mecanismos da imitação ou da aprendizagem descritos pelos psicólogos; tanto mais que acontece frequentemente a criança produzir discursos totalmente novos que jamais ouviu e que foram criados graças à capacidade inata a que Chomsky chama de competência. (PAROT, 1978, p. 117)

No caso do inatismo, acreditava que, a criança desse nascimento já nasce capacidade inata, quer, existe dentro da criança precisar estimular, uma vez que as habilidade de adquirir conhecimento já vem preparado desde o ventre materno, essa postura que contrariou o que o behaviorismo defendia.

Vale destaca ainda outro teórico, que também criara outra teoria, como no caso de J. Piaget, conforme Parot (1978), contrariou ambas a teorias acima mencionadas, "Para Piaget é a evolução cognitiva que determina a evolução da linguagem", (PAROT, 1978, p. 118). Outras colocações mais evidente a respeito desta teoria, é que segundo Parot,

Ele considera que quatro factores intervêm no seu desenvolvimento: a experiência do mundo, a maturação, o meio social e o equilíbrio que ele define como uma função biológica característica de todos os organismos vivos e que tem por objetivo responder, por processos de regulamentação e de compreensão,... aos desequilíbrios provocados pelo meio. (PAROT, 1978, p. 119)

Em síntese, a teoria de Piaget também influenciou bastante na evolução da escola, haja visto, essa teoria tida como Interacionismo, acreditava que, as pessoas adquirem aprendizagem por se relacionar como meio em que vive, o que totalmente diferencia, Parot (1978), ou preenche o que tanto Skinner, quanto Chomsky deixaram vagos, é óbvio que cada teoria teve várias subteorias e com orientação distintas.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Esta monografia baseia-se, primordialmente na Pesquisa Bibliográfica, considerada mãe de toda pesquisa, fundamenta-se em fontes bibliográficas; ou seja, os dados são obtidos a partir de fontes escritas, portanto, de uma modalidade específica de documentos, estes documentos podem ser obras escritas, impressas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas. A priori, toda pesquisa no seu processo usar a pesquisa bibliográfica para ter base nos fatos levantados e mais veemência nas afirmativas.

Fonseca (2002, p.32) quando referencia a pesquisa bibliográfica afirma que:

[...] Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

A Pesquisa Qualitativa não se preocupa com os números, mas sim com a relação de como será compreendida pelas pessoas. Os pesquisadores que utilizam este método procuram explicar o porquê das coisas, explorando o que necessita ser feito sem identificar os valores que se reprimem a prova de dados.

3.2 COLETA DE DADOS

Pesquisa Teórica: esta pesquisa é fundamental em qualquer trabalho que sério. Lakatos e Marconi (2003, p. 23-25) afirma que a “pesquisa teórica é aquela que monta e desvenda quadros teóricos de referência”. Não existe pesquisa puramente teórica, porque já seria especulação enquanto que a pesquisa empírica é aquela voltada para a face experimental e observável dos fenômenos.

Por essa razão, fica entendido que a pesquisa citada faz uma análise de determinada teoria, sempre utilizando embasamentos teóricos para explicar a pesquisa que está sendo levantada. Para melhor entendimento os Artigos científicos é um exemplo de uma pesquisa teórica, muito usada na presente pesquisa que busca nos pressupostos teóricos da psicolinguística o resultado que busca nessa monografia.

4. RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DO PORTUGUÊS

No início da abordagem enafatozou-se que a Psicolinguística tem relação múltipla às mais variadas ciências humanas, de origem social, psíquica e linguística, o que lhe dá importância para as demais áreas de estudos. Inclusive, a pedagogia, que não poderia ficar isento dos princípios psicolinguísticos, uma vez que, estritamente está ligada ao ensino.

Neste contexto, vale enfatizar o porquê a Psicolinguística pode contribuir de forma massiva para o ensino-aprendizagem. Segundo, Leitão (2008), três principais eixos, os quais fundamentam o objetivo central da Psicolinguística, são: a) como as pessoas adquirem a linguagem verbal?; b) Como as pessoas produzem a linguagem verbal?, e; c) Como as pessoas compreendem a linguagem verbal? (LEITÃO, 2008, p. 5)

Assim, a priori, é importante utilizar os pressupostos teóricos da psicolinguística, com intuito de sanar grandes problemas de ensino de língua, principalmente, ensino de Língua Portuguesa, o que para muitos, tantos aos professores, quanto aos estudantes, é difícil. Imagina, quando se trata de aquisição de linguagem escrita ou oral.

Na maioria das vezes, os problemas identificados no âmbito escolar, têm sido na área de ensino voltado à aprendizagem da linguagem escrita e oral, ou seja, os educandos encaram tais modalidades como imenso desafio sem resolução, sendo que, não conseguem se expressar de forma coerente, e de maneira competente.

Mas, o interessante, que apenas apontando esses déficits não resolve nada, o primordial é que seria interessante diagnosticar a razão destes problemas. E não demasiado, dizer que neste sentido, o estudo psicolinguístico pode em algumas instâncias ajudar, uma vez que, diferente de outras ciências da linguagem, ela vai observando até o estado psicológico dos sujeitos, assim, com certeza seria eficiente.

Ao olhar neste ponto de vista, que também envolve a educação, acredita-se que é primordial, a contribuição que este estudo veio concretizar, ainda que o objetivo primeiro, não era absolutamente concatenado para área de aquisição da linguagem no sentido de “ensino-aprendizagem” educacional.

Porém, coincide pela razão de que, segundo Leitão (2008),

... a psicolinguística ... tem como objetivo básico descrever e analisar a maneira como o ser humano compreende e produz linguagem, observando fenômenos linguísticos relacionados aos processamento da linguagem. Ou seja, esses fenômenos são tratados e focalizados do ponto de vista se sua execução pelos falantes/ouvinte a partir de seu aparato perceptual/articulatório e de seus sistemas de memória. (LEITÃO, 2008, p. 6)

Estes são pontos cruciais que podem ser útil ao ensino de língua, isto é, pode contribuir nas metodologias do ensino de Língua Portuguesa, porque basicamente, seu foco é clínico, é a razão pela qual a diferencia de outras áreas científicas pedagógicas, além de ser flexível, o que significa, ela tem apoio de outras áreas científicas como subsídios, Wouk (1975), com no caso de Neurofisiologia e Psicologia, que podem contribuir a entender as origens dos respectivos problemas psíquicos relacionados à aprendizagem da linguagem.

Na prática, é difícil afirmar com total segurança, como a Psicolinguística pode ajudar a resolver os problemas relacionados às questões de ensino de língua materna e ensino de língua estrangeira, como apontadas pela grande maioria dos estudiosos, as quais este estudo mais se identifica.

Entretanto, o autor em foco, Wouk (1975), explicita com breves colocações, de como esta disciplina (Psicolinguística) pode contribuir nestes contextos. De acordo com esse autor, é porque o objetivo do estudo se dá nos aspectos do funcionamento do cérebro, tais como a mente, motora da aquisição de linguagem, percepção visual, percepção auditiva entre outros fenômenos psíquicos afins.

Na sequência abaixo, pode ser relacionado alguns dos levantamentos teóricos esboçados pelo Wouk (1975, p. 126-129), o que exemplifica quais “olhares” a psicolinguística pode trazer, e que no geral, pode ser assunto de interesse da pedagogia ou métodos de ensino-aprendizagem.

De acordo com autor, dentro da concepção psicológica, muitos dos elementos constitutivos de certo “conjunto” não são vistos como unidades isoladas, a árvore por exemplo, é constituída por galhos, folhas, tronco e caule, mas não é “lida” por partes pela percepção, essa praticidade de interpretar como “árvore” e não como elementos soltos (galho, folhas, tronco e caule), mas sim como uma estrutura significativa.

Isso segundo o autor, porque o ser humano adquiriu esse conhecimento através de sua experiência, do convívio, isso implica dizer que, quando se olha numa dada “coisa”, a mente é capaz de economizar o “trabalho”, isto é, o processo

mental não interpreta os elementos constituintes e sim o conjunto como todos, como no caso, o exemplo supracitado acima, a árvore.

É óbvio que, neste processo, requer mecanismos especiais, como o exemplar desses, Wouk (1975) menciona “saltos” de leitura sobre determinado objeto o que permite de forma espontânea, obter significado daquilo que se olha, nesse sentido todos os seres, objetos ou coisas existentes no mundo, a priori, são constituídos de elementos, e para interpretar esse conjunto, o sujeito são ou sem comprometimento psíquico, é capaz de fazer leitura rápida desses elementos e logo em seguida, o interpretar, isso é sobretudo, o mecanismo de percepção visual.

A rapidez dos saltos em leitura depende dos conhecimentos que o leitor possui do texto, do tema e do estilo desse texto, e da experiência e hábito de leitura. Nessa atividade, portanto, não se detendo nem nas letras nem nas palavras, o olho salta de um conjunto a outro, de um grupo de palavras ao seguinte (WOUK, 1975, p. 127)

Embora, nestas colocações o autor não se referir à leitura do texto escrito qualquer, porque, na verdade ele compara as “coisas” existentes como texto, pode cair muito bem neste sentido, no sentido de leitura de textos didáticos, escolares e vice-versa.

E da mesma forma, outro mecanismo psíquico mencionado por Wouk, trata-se de percepção auditiva, é ao assunto que também de alguma forma interessa a pedagogia, em especial, interpretação e compreensão de determinados textos, discursos, mensagem e enfim.

Neste sentido, segundo Maria das Dores Wouk,

Quando uma pessoa ouve a voz de outra, no plano físico se estabelece uma corrente sonora que atinge seu tímpano. Naturalmente, entre os sons e ruídos que lhe chegam ao ouvido há muitos que nada têm a ver com o que diz a outra pessoa, como por exemplo: um fundo musical, o ruído do motor de um carro, os gritos de um grupo de crianças, enfim, todos os ruídos presentes na atmosfera, pois a ausência total de sons só pode ser obtida em laboratórios. (WOUK, 1975, p. 127)

Aqui, Wouk compara a percepção auditiva igual ao funcionamento do mecanismo da percepção visual, sendo que para ele, o indivíduo quando escuta não ouve cada elemento em separado de todos os sons e ruídos emitidos pelo locutor, ainda que cheguem ao seu ouvido separadamente.

Essa praticidade, segundo ela, é porque a pessoa já tem seu conhecimento prévio, conhecimento de mundo das “coisas”, que implica em suas experiências anteriores, assim “estabelece depois uma relação entre todos os elementos sonoros, escolhe os que reconhece (os que pertencem à sua experiência anterior), mas nem sempre na mesma relação (WOUK, 1975, p. 128).

Então, audição também tem o mesmo mecanismo da percepção visual, uma vez que, não registra separadamente os determinados fonemas, vocábulo, palavras, frases, enfim, antes, faz uma leitura de saltos sucessivo e desiguais, “registrando estruturas e não elementos autônomos”, (WOUK, 1975, p. 128).

Quanto a isso, Wouk estabelece uma relação que é importante para entender tal mecanismo, o que implica dizer que depende de:

- a) Do caráter mais ou menos familiar da mensagem para o que escuta;
- b) Do tema abordado e do nível de língua empregado;
- c) Da experiência que possui o ouvinte da língua empregada como meio de comunicação. (WOUK, 1975, p. 128)

Dentro do contexto principal deste assunto, que se trata de contribuição da Psicolinguística para o ensino de língua Portuguesa, é interessante enfatizar o que ainda a mesma autora reitera, quando menciona sobre a importância da Teoria da Forma, no que condiz à aprendizagem.

Nesta perspectiva, a aprendizagem e vista, como aquisição de estruturas cognitivas e ativas, sendo que acredita-se, que cada elemento só tem significado na sua relação com o conjunto, o que faz valer para todo tipo de aprendizagem, assim como para aprender a segunda língua, é ter concepção primária, ou seja, ter experiência anterior em conhecimento.

Segundo Wouk (1975), esse processo de aprendizagem obedecem os seguintes princípios:

- a) O princípio fenomenológico, segundo o qual a consciência não nos dá elementos, mas conjuntos;
- b) O princípio funcional, que permite analisar as propriedades e as funções desses conjuntos como elementos moleculares autônomos;
- c) O princípio genético, segundo o qual, as primeiras percepções globais (sincréticas) mais tarde se diferenciam e se estruturam. (WOUK, 1975, p. 129-130)

Por estas e outras propriedades psíquicas que apresentam, a Psicolinguística pode ser primordial ao ensino de Língua Portuguesa, como mecanismo de apoio ou

suporte teórico, porque, perante as mais diversas dificuldades que são encontrados, ora por não ter suporte eficiente, ora por professores não terem habilidades eficientes, porém, a essa problemática, o estudo psicolinguístico pode responder e contribuir de forma eficaz, isso, como dito, ao ensino de língua materna.

4.2 PATOLOGIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Qualquer criança normal no seu estado fisiológico, mental, comportamental e psíquico, aprende adquirir qualquer tipo de conhecimento naturalmente, sem necessidade de fazer o maior esforço. Nesse caso, poderia se dizer que, a criança não tem problema algum em relação ao seu ensino e aprendizado.

Uma vez que, como postulam Schirmer; Fontoura & Nunes(2004),

Muito antes de começar a falar, a criança está habilitada a usar o olhar, a expressão facial e o gesto para comunicar-se com os outros. Tem também capacidade para discriminar precocemente os sons da fala. A aprendizagem do código linguístico se baseia no conhecimento adquirido em relação a objetos, ações, locais, propriedades, etc. Resulta da interação complexa entre as capacidades biológicas inatas e a estimulação ambiental e evolui de acordo com a progressão do desenvolvimento neuropsicomotor. (SCHIRMER, FONTOURA & NUNES, 2004, p. 2)

Da fase de infância, o ser humano já e habilidade para aprender, essa capacidade se estende durante toda sua vida. Sendo que, aprendizagem é contínua de vida qualquer pessoa, independentemente de faixa etária. Então, aos primeiros momentos de vida, a criança aprende a olhar, em seguida pegar, posteriormente fala, esse é o ponto de partida importantíssimo para o indivíduo, é claro não apresenta algum tipo de distúrbio.

Em outras palavras, esse tipo de problemas, são conhecidos como problemas patológicos, que se manifestam em variados tipos. Existem um tipo para cada ou seja, contra habilidade inata que ao nascer a criança traz consigo do ventre materno, sendo é, por esta razão, genética.

Porém, ao contrário disso, as crianças que portam algum tipo de transtorno, não tem as mesmas habilidades, às vezes, uma determinada criança tem problema motora, psíquico, comportamental, retardamento, dificuldade na fala, esquecimento, lentidão, enfim, existem diversas patologias.

Nesta seção, em consonante com as autoras acima referidas, pretende-se relacionar alguns desses problemas patológicos. De acordo, com o Ferreira (1986), este termo significa “ramo da medicina que se ocupa da natureza e das modificações estruturais e/ou funcionais produzidas por doença no organismo”.

A priori, o corpo do ser humano é vulnerável e suscetível em qualquer parte, no cérebro, na fala, na articulação, na visão, enfim, por isso, quando algum órgão é atingido existe nomenclatura técnica que define sobre sua origem e seu efeito quanto problema patológico.

Aqui como dito anteriormente, será relacionada algumas dessas descritas por Schirmer, Fontoura & Nunes (2004), veja as seguintes:

No nível de aquisição da linguagem

- **Atraso** – a progressão na linguagem processa-se na sequência correta, mas em ritmo mais lento, sendo o desempenho semelhante ao de uma criança de idade inferior;
- **Dissociação** – existe uma diferença significativa entre a evolução da linguagem e das outras áreas do desenvolvimento;
- **Desvio** – o padrão de desenvolvimento é mais alterado: verifica-se uma aquisição qualitativamente anômala da linguagem. É um achado comum nas perturbações da comunicação do espectro do autismo.

Esses distúrbios, das vezes, podem ser relativos entres outros problemas, assim, a priori, quando tem algum tipo desses patológicos, é comum ela pode apresentar outro tipo de problemas, tais como falta de habilidades, dificuldades da fala, etc, veja como as autoras comentam sobre isso:

A etiologia das dificuldades de linguagem e aprendizagem é diversa e pode envolver fatores orgânicos, intelectuais/cognitivos e emocionais (estrutura familiar relacional), ocorrendo, na maioria das vezes, uma inter-relação entre todos esses fatores. Sabe-se que as dificuldades de aprendizagem também podem ocorrer em concomitância com outras condições desfavoráveis (retardo mental, distúrbio emocional, problemas sensório-motores) ou, ainda ser acentuadas por influências externas, como, por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada. (SCHIRMER; FONTOURA & NUNES, 2004, p. 3)

Em outro nível que, consiste à aquisição de aprendizagem da escrita e oral, autoras mostram outros distúrbios, além do ocorre com no caso de autismo. Esses problemas patológicos também, são tão graves, uma vez que, de certa forma

compromete a habilidade inata da criança, principalmente quando se trata de contexto escolar, ou no momento em que precisar de aprender a escrever e a ler.

Veja conforme, Schirmer, Fontoura & Nunes (2004, p. 4): Causa ambiental – fatores de risco social e emocional; Atraso isolado da linguagem expressiva (constitucional) – atraso de causa não-demonstrável associado a compreensão, pragmática e desenvolvimento não-verbal normais; Déficit cognitivo – nos primeiros anos, a evolução da linguagem na criança com atraso de desenvolvimento é semelhante à da criança normal, mas num ritmo inferior; Déficit auditivo – influencia a aquisição da linguagem após 6-9 meses, quando observam-se alterações da vocalização (perda da qualidade vocal, consoantes que desaparecem ou não chegam a surgir, modificação da sonoridade das vogais) até que apenas sons primitivos e guturais acabam por persistir;

Há além disso o autismo – pode ocorrer ecolalia imediata ou tardia, perseverarão (persistência inapropriada no mesmo tema) em associação a alterações da comunicação não- verbal, comportamentos estereotipados e perseverantes, interesse restritos e/ou não- usuais e comprometimento da capacidade social;

Além desses fatores patológicos, há outras mais comprometedoras em relação à aquisição de aprendizagem, a exemplo disso, a dislexia, que consiste, segundo Aurélio, “incapacidade de compreensão do que se lê, devida a lesão de sistema nervoso centra” (FERREIRA, 1986). Inclusive, isso é um dos principais problemas que ocorrem nas maiorias das vezes, com as crianças.

Para que seja erradicado ao menos tais patologias ou desafiados a partir dos métodos pedagógicos, é preciso os professores, os que se relacionam no sentido educacional, tenham noção sobre tais patologias, assim, não seria muito complicado ter que lidar com os distúrbios, embora, que isso tem a ver com a pediatria, os professores devem conhecer e saber lidar.

CONCLUSÃO

De acordo com as propostas desse Trabalho de Conclusão de Curso a partir de abordagens psicolinguísticas, o professor de Letras estará muito melhor subsidiado quando o assunto estiver relacionado a uma prática diferenciada no tratamento da Aquisição da Linguagem Oral e Escrita pelos alunos. Com isso, observa-se que o contato com as teorias que cercam o universo da escrita e oralidade e, seu processo de aquisição, considerando inclusive as patologias e dificuldades enfrentadas pelos alunos na sala de aula, deva ser expandido para todos os professores de Língua Portuguesa, objetivando uma compreensão mais profunda e um uso mais consistente da escrita e oralidade e seus processos de aquisição.

Dentro das perspectivas de Ensino do português evidenciada no referencial teórico dessa pesquisa, a psicolinguística se enquadra na Teoria Interacionista, uma vez que esta contempla práticas de ensino que incluem a criança como corresponsável por seu aprendizado. E essa prática dita interacionista se dá quando a criança pode encontrar na escola não apenas livros ou outros materiais de leitura, mas especialmente ações sociais voltadas para a leitura e a escrita o professor deve ser modelo de leitor e de escritor; com isso viabilizará a efetiva interação da criança com o mundo da escrita, ajudará a criança a descobrir o que a escrita representa, quais são seus usos, funções e valores sociais.

Agindo como leitor em sala de aula, o professor de Língua Portuguesa estará apto a detectar problemas relacionados à aquisição da Linguagem, além de compreender mecanismos que podem contribuir para um ensino mais produtivo no desenvolvimento de aspectos orais, escritos e de leitura. Além disso, a psicolinguística oferece também oportunidades para que o Profissional de Letras perceba a funcionalidade, as características e a estruturas diferentes textos escritos. Além de uma constante prática da oralidade baseada no conhecimento de mundo que a criança traz de casa, fortalecendo sua autoestima e motivação não só para oralidade e leitura como também para a escrita.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vinícius Ferreira de. **As dificuldades enfrentadas por alunos e professores no processo de ensino e aprendizagem das técnicas de leitura e interpretação textual**. Faculdade de Atenas, MG, 2011.

BARROS, Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto. **A Língua Portuguesa na Escola: Percurso e Perspectiva**. V 6, Nº 6- p. 35-56- Jul/Dez de 2008.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024: lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências**. _ Brasília: Câmaras dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CONRADO, Carla Moura.; OLIVEIRA, Luciana Resende de. **A concepção de ensino de Língua Portuguesa que contempla o texto**. 2010.

DIAS, Juliana Friedrich. **Breve história da Psicolinguística**. In: Ideias – Revista do Curso de Letras, 2009

DIOGO, Emili Moreira; GORETTE, Milena da Silva. **Letramento e alfabetização: uma prática pedagógica de qualidade**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 7ª ed, 10 de novembro de 2011.

DELORS, Jacques (Org.). **Os quatro pilares da educação** In: *Educação: um tesouro a descobrir*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986

FLÔRES, Onici Claro; PEREIRA, Vera Wannmacher. **Ensino da compreensão leitora: faces e interfaces Psicolinguísticas**. LINGVARVM ARENA – vol. 3. Ano,2012

GOMES, Cláudia Santos do Nascimento. **A Formação de Professores de Língua Portuguesa: o professor reflexivo**. 5 edição. Revista Nova.

GROLLA, Elaine. **A Aquisição da Linguagem**. Material Didático Desenvolvido para o Curso de Letras – LIBRAS (UFSC), 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITÃO, Márcio Martins. **Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem**. In: Martelotta, M. (org.) Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.

LOPES, Janine Ramos. **Caderno do Educador: alfabetização e letramento**/Maria Celeste Matos de Abreu, Maria Célia Elias Mattos. _ Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

MARTINS, Vicente. **A teoria behaviorista da aquisição da linguagem**. 2008

OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de. **Sintaxe do Português I**. in: Aulas 2/3, USP, 2015.

PAROT, Françoise. **Algumas notas sobre as teorias da aquisição da linguagem: Piaget, Chomsky, Skinner**. *Análise Psicológica* (197: 8), II, p. 115-124.

PEREIRA, Vera Wannmacher. **Estudos Sobre Leitura: Psicolinguística e interfaces**/ Vera Wannmacher Pereira, Ronei Guaresi (org.) – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

SCHIRMER, Carolina R.; FONTOURA, Denise R; NUNES, Magda L. **Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem**. *Jornal de Pediatria* – vol. 80, nº 2, (supl), 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Ensino e Pesquisa na docência universitária: caminhos para a integração**. Abril, 2008.

SENA, Cleber Vinhal de; FERNANDES, Josimar de Andrade; PIRES, Mariany Correa; CRUZ, Rayane Gonçalves; FERNANDES, Rita Camila dos Reis. **Dificuldades de Aprendizagem em Língua Portuguesa**. In: *Revista Crátilo*, 7 (2), dez., 2014.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**: 5ª ed. São Paulo. Contexto, 2007.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho Apresentado na 26ª Reunião Anual de ANPED, MG, 2003.

_____. **Que Professores de Português Queremos Formar?** *Revista Movimento*, nº 3, Maio/2011 p. 149-155.

SOUZA, Luciana Virgília Amorim de. **A linguagem: Teorias que explicam o seu uso e funcionamento**. BA, 2015.

WOUK, Maria das Dores. **A Psicolinguística e o Ensino de Línguas**. In: *Letras*, Curitiba (23), p. 125-135, jan., 1975.